

PANDEMIA DA COVID-19 E A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: QUAIS AS CAUSAS?

Maria Eduarda Ferreira de Miranda¹
Izauriana Borges Lima²

RESUMO

A evasão escolar no Brasil é provocada por uma multiplicidade de fatores, entretanto, com o advento da pandemia da Covid-19, foi observado um aumento no percentual de estudantes evadidos em todo o território nacional, o que contraria a necessidade de redução nas taxas de evasão da escolaridade básica obrigatória, que é explicitada nas leis vigentes. O objetivo deste estudo foi identificar as causas que levaram à evasão de estudantes matriculados no Ensino Médio da Região Metropolitana de Recife, a partir do contexto da pandemia da Covid-19. Participaram desta pesquisa 22 estudantes que estiveram matriculados em uma das três séries do Ensino Médio nas escolas da Região Metropolitana do Recife entre os anos de 2020 e 2021. A partir dos dados coletados, observaram-se dificuldades apontadas quanto à oferta do modelo de ensino remoto nos anos letivos de 2020 e 2021, tendo sido indicado o ano de 2020 como mais difícil. As dificuldades mais evidenciadas incluíram a incompreensões do assunto das aulas, a falta de foco com o modelo adotado, a falta de ferramentas tecnológicas adequadas e também as metodologias de ensino adotadas pelos professores. Tais dificuldades encorajaram três participantes a abandonarem a escola, dois deles em 2020 e um em 2021.

Palavras-chave: Evasão escolar, Ensino Médio, Pandemia da Covid-19.

INTRODUÇÃO

Pela etimologia, evasão escolar se refere ao ato de abandonar os estudos. Entretanto, apesar de o seu significado ser de fácil entendimento, há uma grande problemática por trás deste fenômeno social, principalmente porque os motivos são diversos e influenciados por diversas razões. A evasão escolar brasileira não é um problema recente, foi e tem sido pauta de muitas discussões educacionais e no campo da justiça, uma vez que a matrícula e terminalidade da Educação Básica estão previstas na forma da lei.

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, mefdm@hotmail.com;

² Doutora em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, izauriana.borges@gmail.com.



A Constituição Federal de 1988 (CF/1988) prevê a garantia de acesso e permanência nas escolas a todos os cidadãos brasileiros, assim sendo, crianças e adolescentes evadidos estão perdendo direito básico subjetivo garantido por lei. A oferta de vagas escolares a crianças e adolescente dos 4 aos 17 anos de idade é obrigatória para todos. Diante disso, a partir do momento em que uma criança ou adolescente abandona a escola, por qualquer que seja o motivo, esse direito não está mais sendo garantido.

A análise sobre as causas que provocam um dado fenômeno é também importante para se conhecer os pontos centrais de uma dada realidade e como ela se ordena, tornando possível elaborar estratégias que possam contornar, evitar ou solucionar uma problemática. Ao longo das últimas décadas temos presenciado uma redução nos percentuais de estudantes evadidos. Entretanto, com o advento da Pandemia da Covid-19 no ano de 2020, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) têm evidenciado um aumento nas taxas de evasão contrariando a perspectiva de extinguir o abandono da sala de aula por adolescentes das diversas regiões brasileiras.

É inegável que a pandemia afetou todos os setores sociais. Ela aparece como mais uma causa da evasão escolar. Nesse sentido, estudos com foco na análise do impacto da Covid-19 na educação e, especificamente, na evasão escolar, ganham relevância na atualidade. Para tanto, farão parte deste trabalho a discussão da literatura da área especializada na temática da evasão escolar; pesquisas do campo educacional que subsidiam compreensões acerca dos processos, causas e consequências da evasão escolar no Brasil; e a análise dos dados censitários divulgados mais recentemente.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, quanto à abordagem, é do tipo qualitativa. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Em relação à natureza, esta pesquisa caracteriza-se como básica. No que tange aos objetivos, esta pesquisa é do tipo descritiva, uma vez que requer uma variedade de informações acerca do objeto de estudo. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. (TRIVIÑOS, 1987).



Sobre os procedimentos, podemos considerar a pesquisa como estudo de caso, já que “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”. (FONSECA, 2002, p. 33). Gerhardt e Silveira (2009) exemplificam os estudos de caso como aqueles do tipo em que são focalizadas apenas uma unidade, um pequeno grupo, uma instituição ou ainda um evento. Nesta pesquisa, estamos considerando o evento da pandemia da Covid-19 e seus efeitos para os estudantes da Região Metropolitana do Recife matriculados nas séries do Ensino Médio em 2020 e 2021, buscando relatos de dificuldades e relações ou não com desistência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender o fenômeno da evasão escolar no Brasil é extremamente importante para entender as particularidades do abandono da sala de aula que atinge severamente a população em idade escolar. O abandono tem sido circunstanciado por aspectos de várias naturezas, sendo necessário elencar cada uma delas e como as consequências pela evasão geram impactos na vida pessoal e profissional de cada um destes indivíduos. São nesses aspectos que emergem possibilidades para reduzir e prevenir a incidência do abandono e suas consequências, quer seja por meio de ações que precisam derivar do poder público (prevenindo e corrigindo as consequências da evasão) ou local, isto é, por meio de ações e estratégias previstas no Projeto Político Pedagógico das escolas.

Para fazer uma análise mais crítica sobre a evasão escolar é de extrema importância considerar as concepções, abordagens e teorizações levantadas por especialistas no tema. O primeiro ponto a ser considerado é a estreita relação entre fracasso escolar, reprovação e evasão, conforme discussões em (BOSSA, 2002; MANTOVANINI, 2001; SOARES, 1996; PATTO, 1999; SCOZ, 1994; BRANDÃO, 1983; CAMARGO E RIOS, 2012; ARROYO, 1997; KULLOK, 2002; MELCHIOR, 2004; FREIRE, 1996; VITELLI E FRITSCH, 2016).

No que se refere ao fracasso escolar, Bossa (2002, p. 12) defende a ideia de que ele deve ser visto como um sinal de que algo na escola não vai bem. Além disso, pondera que isso pode ter diversas origens. Falar sobre o fracasso e, conseqüentemente, sobre a evasão requer também uma abordagem histórica acerca dessa questão. Diante disso, é coerente começar a análise pelo problema de aprendizagem.

Seguindo essa linha de raciocínio, Mantovanini (2001, p. 25) argumenta que essa análise pode ser separada em três abordagens: enfoque orgânico; a teoria interacionista; e uma

abordagem que busca justificar por uma perspectiva multidisciplinar, ou seja, com várias causas. O enfoque orgânico, visto no século XX, era associado à ideologia do dom. Essa ideologia defende a ideia de que a escola oferece as oportunidades e cabe ao indivíduo usar o seu dom e aproveitar essas oportunidades.

Soares (1996, p. 53) diz que, assim, o aluno seria o único culpado caso fracassasse. Sobre isso, Patto (1999, p. 25) analisa que os testes de psicométrica, como a escala de inteligência de Binet e Simon, “acabava por legitimar as deficiências ou diferenças individuais, como forma de atribuir a culpa do fracasso escolar ao próprio aluno ocasionando, portanto, a segregação dos indivíduos através da mensuração das capacidades cognitivas”.

Após essa visão, surge a segunda abordagem na década de 1930: a teoria interacionista. De acordo com ela, o aluno não é o único sujeito ativo nesse processo de aprendizagem, pois o ambiente também é um fator que interage, sendo determinante. Diante desse conceito, Scoz (1994, p.19) avalia que o fato de o estudante considerado anormal seja visto como um detentor de problemas acaba resultando no insucesso dele mesmo. Ou seja, o educando é responsável pelo seu desempenho escolar.

Entretanto, o fenômeno da evasão e repetência longe está de ser fruto de características individuais dos alunos e suas famílias. Ao contrário, refletem a forma como a escola recebe e exerce ação (BRANDÃO, 1983, p. 38-69). De modo a defender que a culpa da evasão não é só dos alunos, Camargo e Rios (2012, p.6) alegam que “esses conceitos são expressões da ideologia dominante que leva as instâncias de poder, antes mesmo de assegurar-se das verdadeiras causas do intitulado ‘fracasso escolar’, conferindo toda a culpa aos educandos.”

Diante de tudo que foi exposto, é nítido que se trata de um fenômeno que tem múltiplas causas. Por isso, é preciso ter cautela para analisar os motivos e para não fazer generalização. Sobre o papel da escola nesse embate, Arroyo (1997, p. 23) complementa que a escola deve receber e formar esses jovens, enquanto os professores devem ser dinâmicos, adaptáveis e modernos, proporcionando um estilo de ensino inovador e que prenda a atenção dos alunos.

A terceira abordagem tem um caráter sócio-construtivista e possui algumas características que se diferem das abordagens anteriores. Isso porque, apesar de continuar com a ideia de que o aluno deve ser um sujeito ativo no processo de aprendizagem, ela afirma que o professor também tem um papel importante nesse cenário. Nessa perspectiva, cabe ao educador estimular o raciocínio e a construção do conhecimento pelo aluno, além de facilitar esse processo, dando suporte e intervindo positivamente.

Ou seja, não se trata de um trabalho unilateral exclusivo do aluno. Nesse âmbito, Kullok (2002, p. 10) opina que o processo de ensinar implica em uma nova forma de conceber a sala

de aula que deverá ser não apenas um local de transmissão, mas, principalmente, um espaço de construção em que é necessário que o professor reveja o seu modo de ensinar e de conceber o ensino.

Nesse contexto, Melchior (2004, p. 95) enfatiza que “os educadores não podem esquecer que o envolvimento do aluno vai depender de muitos fatores, a confiança que o professor deposita no aluno, ou sua autoconfiança”. Paulo Freire é outro teórico que apoia esse engajamento e essa luta de toda a comunidade escolar. Nessa perspectiva, ele observa que “o importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las a análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica”. (1996, p. 45). Em suma, Vitelli e Fritsch definem a evasão escolar da seguinte maneira:

Ela ocorre quando estudantes iniciam seus cursos, mas não os concluem, sendo relacionada à desistência por qualquer motivo, exceto diplomação. É caracterizada, assim, como um processo de exclusão determinado por variáveis internas e externas às instituições de ensino, configurando-se como um fenômeno complexo, associado com a não concretização de expectativas. Pode ser vista, nesse sentido, como o reflexo de múltiplos fatores intervenientes, que precisam ser compreendidos tendo em vista o contexto socioeconômico, político e cultural, o sistema educacional e as instituições de ensino. (2016, p. 910).

Uma das principais causas da evasão escolar no Brasil é a necessidade de entrar para o mercado de trabalho, segundo um estudo realizado em conjunto entre o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a Coordenação de Trabalho e Rendimento e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) em 2019. Uma das grandes consequências disso é que, pelo baixo nível de escolaridade, esse novo trabalhador precisa se submeter a empregos com carga horária exaustiva e remuneração baixa.

Outra questão, enfrentada sobretudo por estudantes que moram em áreas rurais, é a dificuldade de chegar à escola. Essa dificuldade pode ser devido à falta de transporte, à distância entre casa e escola, à falta de infraestrutura nas estradas, entre outros fatores. Nesse contexto, as políticas públicas que focam nessa questão de transporte devem ser aperfeiçoadas, principalmente no norte do país, onde esse motivo é muito mais explícito do que nas outras regiões brasileiras, de acordo com os mesmos três órgãos citados acima, da pesquisa de 2019.

Uma outra causa é a falta de acompanhamento educacional. Geralmente, isso tem duas consequências: queda no desempenho ou, em casos mais graves, evasão escolar. Outra complicação é quando o estudante é portador de alguma deficiência ou doença grave, segundo



dados de 2010 do Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC). No caso de portabilidade de doença grave e/ou deficiência, é necessário que a escola enquanto espaço físico e toda a comunidade escolar demonstrem acessibilidade e acolhimento.

A gravidez precoce também influencia bastante. O MEC (Ministério da Educação), a OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura) e a Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais) fizeram uma pesquisa em 2016 que revelou que 18% das meninas que pararam de estudar tiveram a gravidez como principal causa. Uma das principais medidas a serem tomadas é a educação sexual nas escolas, uma vez que a maior parte de gravidez na adolescência é fruto da falta de conhecimento em educação sexual, sobretudo no que se refere aos métodos contraceptivos.

Em outra perspectiva, a escola deve deixar clara a importância dos estudos, com o intuito de fazer com que o estudante entenda a necessidade disso e não opte por caminhos ilegais, como envolvimento com drogas, que é outro motivo para a evasão. Quando o estudante tem uma identificação com a escola, é mais difícil ele evadir. Para gerar essa conexão, as escolas podem promover momentos extracurriculares, seja um concurso ou torneio.

Ainda sobre o estudo das causas, foi realizada uma pesquisa por meio de uma parceria entre o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a Coordenação de Trabalho e Rendimento, e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) em 2019. O público-alvo foram pessoas com 14 a 29 anos de idade que não concluíram o Ensino Médio e o estudo relacionou algumas variáveis sobre a evasão escolar: causas, sexo, cor e região.

Sobre os homens, o que se destaca é o fato de 50% deles ter dado como principal motivo da evasão ou abandono a necessidade de trabalhar. O segundo maior motivo é a falta de interesse. Em relação às mulheres, os 3 maiores motivos têm um percentual próximo e são, respectivamente: falta de interesse, necessidade de trabalhar e gravidez, e esses dois últimos motivos possuem o mesmo percentual.

Outro fato que chama atenção é o de que, enquanto a incidência de homens que saem da escola motivados pela necessidade de fazer tarefas domésticas ou cuidar de outras pessoas é de 0,7%, esse dado é de 11,5% entre as mulheres. De modo geral, percebe-se que a necessidade de trabalhar e a falta de interesse são os dois maiores motivos. Além disso, essa mesma pesquisa associa as causas à região de moradia. Em todas elas, os dois maiores motivos são, respectivamente: necessidade de trabalhar e falta de interesse.

Analisando cada região individualmente, nota-se uma informação relevante: na região Norte, a incidência de evasão motivada por falta de escola na localidade, vaga ou turno desejado

é de 6,3%. Porém, ao analisar essa mesma causa nas outras regiões, percebe-se que a média é de 2,5%. Após analisar dados e detalhar as principais razões da evasão escolar, é interessante fazer um comparativo entre esse cenário no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. O Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) divulgou o resultado de uma pesquisa baseada no Censo Escolar de 2019 que analisa a ascensão da evasão ao longo da idade escolar.

Dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cujo total de casos foi de 76.167, aos anos finais, o número é quase 3 vezes maior, com um total de 213.434. Dos anos finais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, o número é aproximadamente 1,5 vezes maior, totalizando 333.586 casos. Podemos, dessa maneira, pressupor que com o advento da Pandemia da Covid-19 novas razões se somaram às causas que provocam a evasão escolar. A análise dos resultados sobre a evasão escolar brasileira, a partir de pesquisas censitárias em 2020, mostra que o início da pandemia da Covid-19 foi um marco temporal que agravou a evasão, que já era delicada.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a evasão escolar no Brasil atingiu 5 milhões de alunos em 2020. Ainda de acordo com o órgão, 3,8% dos estudantes entre 6 e 17 anos, abandonaram a escola em 2020, o que representa aproximadamente 1,38 milhões de alunos. Isso é preocupante, pois o PNAD do ano anterior registrou um percentual de 2% dos alunos.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou resultados de uma pesquisa de 2020 realizada pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios). Ela apresenta duas categorias: localização regional e idade. Sobre a região Norte, chama atenção o fato de que, diferentemente, do que ocorre nas outras regiões, a evasão é mais evidente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nos anos seguintes, há uma queda abrupta no número, mas que volta a subir no Ensino Médio.

Um fato que se repete em todas as regiões também merece destaque: a taxa de evasão nos anos finais do Ensino Fundamental é sempre a menor em comparação às outras. Analisando o Brasil de maneira geral, a maior incidência é no Ensino Médio (apenas na região Norte isso não acontece), seguido dos anos iniciais do Ensino Fundamental e, por último, anos finais do Ensino Fundamental.

Segundo a Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), a pandemia da Covid-19 gerou um aumento de 5% de alunos do Ensino Fundamental e em 10% de alunos do Ensino Médio. De acordo com o mesmo estudo, a problema gerado entre a pandemia e a escolaridade não se limita à evasão, mas sim aos estudantes de modo geral. Isso porque até mesmo os que estão matriculados estão tendo dificuldades nesse período de tantas mudanças.



Dessa forma, pode-se concluir que a desigualdade, tão presente ao longo da história, tornou-se ainda mais evidente. No que se refere a essa desigualdade, foi observado que os estudantes mais afetados são os do Norte e Nordeste do país, incluindo negros, indígenas e pessoas com deficiência. Ou seja, são os grupos já marginalizados historicamente. A indisponibilidade desses recursos tecnológicos é presente, sobretudo, em famílias de baixa renda, em que é comum o fato de ter apenas um celular para várias pessoas.

Além da questão da conectividade, a pandemia gerou uma outra problemática: muitos alunos deixaram de estudar para trabalhar. Isso porque, segundo uma pesquisa divulgada por Rosalina Soares, representante da Fundação Roberto Marinho, 45% dos jovens do país fazem parte de famílias que tiveram sua renda afetada (parcialmente ou integralmente) durante esse período e, assim, tiveram que entrar no mercado de trabalho. Nessa situação, a questão econômica é determinante mais uma vez.

Essa discrepância social, acentuada em tempos de pandemia, deixa evidente que o maior desafio no que tange à educação é referente à infraestrutura e fornecimento de meios eficientes para um bom uso do ensino remoto. Essa preocupação é devido ao fato de a educação ser um dos caminhos próprios para transformação humana social dos indivíduos, conduzindo-os para uma visão crítica, conscientizando e preparando-os para viverem em sociedade e assumindo a sua cidadania. (MARX, 1991). Ou seja, ultrapassa os limites da sala de aula. Sobre esse poder de mudança social, Libâneo afirma que

Igualdade e oportunidade para todos no processo de educação e na compreensão de que a prática educacional se faz pela transmissão e assimilação dos conteúdos de conhecimento sistematizados pela humanidade na aquisição de habilidades de assimilação e transformação desses conteúdos no contexto de uma prática social. (1992, p. 14)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados, nos interessou analisar os estudantes que estiveram matriculados em alguma série do Ensino Médio nos anos letivos em que prevaleceu o formato de ensino remoto. Assim sendo, a discussão a partir dos resultados encontrados se refere às respostas dadas por 22 participantes que estiveram declaradamente matriculados em alguma rede de ensino em 2020 e em 2021.

De modo geral, dos estudantes matriculados no Ensino Médio em 2020, 54,5% esteve matriculado na 1ª série do Ensino Médio, 22,7% na 2ª série e 22,7% na 3ª série. Sobre a rede de ensino em que estavam matriculados em 2020: 55,5% do público estava matriculado na rede

pública do estado, 33,3% estava na rede pública federal, 11,1% na rede privada. Na sétima pergunta, referente às dificuldades com o ensino remoto, 54,5% do público afirmou que teve problemas no ensino online.

Os alunos poderiam citar mais de uma dificuldade. Entre as dificuldades citadas, as mais incidentes foram: dificuldade na compreensão do assunto (40,9%); falta de foco (31,8%); falta de ferramentas tecnológicas (13,6%); metodologia (13,6%); falta de preparo da aula para o ensino remoto (9%); exaustão (9%). Um fato que chamou a atenção foi que uma das pessoas relatou que não teve aulas remotas em 2020. Além disso, duas pessoas afirmaram ter desistido da escola em 2020 e ambas apresentaram a pandemia e o ensino remoto como os motivos dessa decisão.

Dos estudantes matriculados no Ensino Médio em 2021, 17,4% estava na 1ª série; 52,2% estava na 2ª série; e 30,4% estava na 3ª série. Ainda sobre o ano de 2021, 56,2% dos entrevistados estavam matriculados na rede pública de ensino, 34,4% estava na rede pública federal; 9,4% estava na rede privada. Além disso, do ano de 2020 para o ano de 2021, houve uma redução nos percentuais relacionados a algum tipo de dificuldade com as aulas remotas.

Embora as duas maiores dificuldades (compreensão e foco) tenham sido as mesmas nos dois anos, a diminuição na frequência é nítida. Cabe fazer a ressalva de que muitos alunos argumentaram que houve essa melhoria no quadro devido ao fato das aulas, para alguns, não terem sido mais 100% online, pois a escola aderiu ao ensino presencial ou híbrido. Por fim, um aluno afirmou ter desistido da escola em 2021 por falta de adaptação ao ensino remoto. Isso porque houve a intensificação de problemas já encontrados no ensino presencial, como dificuldade na compreensão do conteúdo e falta de concentração. Em suma, percebe-se que o contexto pandêmico afetou a vida escolar de alguns dos estudantes entrevistados, cooperando para a tomada de decisão de desistência da escola para três deles. Bem como, foi possível analisar a presença de dificuldades derivadas do modelo de ensino oferecido, principalmente no primeiro ano da oferta remota, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão teórica deste trabalho, apresentamos que a maneira de definir e apontar as causas que levam à desistência da escolaridade básica foi se constituindo ao longo do tempo sob diferentes pontos de vistas, fundamentando os pilares que nos ajudam a compreender as muitas faces e a complexidade do fenômeno da evasão escolar. Em relação às causas da evasão,

notou-se que elas são diversas e que estão relacionadas a fatores, como sexo, idade escolar, localidade e necessidades financeiras.

Além disso, a pandemia da Covid-19 se configurou como mais uma causa, uma vez que ela trouxe razões próprias decorrentes do contexto pandêmico até então não vivenciadas no âmbito da escolaridade regular, como a alteração repentina da oferta obrigatória de ensino do formato presencial para o remoto. A respeito dos dados obtidos neste estudo, observou-se que as dificuldades associadas às adaptações de oferta escolar derivadas da pandemia da Covid-19 para o modelo remoto, interferiram na tomada de decisão de desistência da escola por parte dos sujeitos investigados, como apontado por pesquisas anteriores. (UNICEF, 2020; IBGE, 2020).

Entre as causas apontadas neste estudo, observou-se dificuldades relacionadas aos bens tecnológicos, como apontado por Cable News Network (CNN, 2020). Tais dificuldades estiveram em associação não apenas ao uso das ferramentas por parte dos alunos (falta de ferramentas tecnológicas), mas também as dificuldades de adaptação metodológica por parte dos professores apontadas pelos sujeitos investigados (falta de dinamismo nas aulas, envio excessivo de atividades e falta de comunicação).

Somado a isso, cabe deixar evidente a importância e também o aprendizado trazido ao longo de todo o processo de pesquisa e de análise. Trata-se de um tema que é presente há muito tempo, porém é necessário um estudo contínuo, já que a educação está em constantes mudanças e, conseqüentemente, as motivações para a desistência e a evasão escolar também podem se alterar temporalmente. Por fim, é válido enaltecer a importância do ensino presencial para a Educação Básica, uma vez que vários alunos relataram dificuldade de aprendizagem pelo fato de o ensino estar remoto, como a falta de proximidade com o professor, falta de interação e falta de domínio em relação à tecnologia.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRA, Karla. Educadores alertam para aumento de evasão escolar durante a pandemia. **Câmara dos Deputados**, 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/814382-educadores-alertam-para-aumento-de-evasao-escolar-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 07 de dez. de 2021.

ALMEIDA, Rodrigo Vaz de. 10 aspectos que as políticas educacionais devem considerar. **Politize!**, 2017. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/politicas-educacionais-aspectos/>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

ARROYO, Miguel González. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997.

ARTIGO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: EVASÃO ESCOLAR. **Pedagogia**



ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/artigo-de-pos-graduacao-em-educacao-evasao-escolar/>. Acesso em: 12 de março de 2022.

ÁVILA, Alynni Luiza Ricco. Evasão escolar e pandemia: quanto pior, pior. **Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/evasao-escolar-e-pandemia-quanto-pior-pior/>>. Acesso em: 26 de jan. de 2022.

BASÍLIO, Ana Luiza. Por que a pandemia pode contribuir com a evasão escolar?. **Carta Capital**, 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/por-que-a-pandemia-pode-contribuir-com-a-evasao-escolar/>>. Acesso em: 16 de dez. de 2021.

BOSSA, Nádia. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRANDÃO, Zaia et alii. **O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil**. In Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 64, Nº 147, maio/agosto 1983, p. 38-69.

CAMARGO, Douglas Branco de; RIOS, Mônica Piccione Gomes. **A evasão escolar na 1ª série do Ensino Médio no Município de Joaçaba – SC: Desafios curriculares**. Seminário de pesquisa em educação da Região sul, 2012.

CHAGAS, Inara. 14 causas do abandono escolar no Brasil. **Politize!**, 2017. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/abandono-escolar-causas/>>. Acesso em: 27 de jan. de 2022.

DUTRA Rodrigo. Como reduzir a evasão escolar na pandemia?, 2021. **Tutor Mundi**, 2021. Disponível em: <<https://tutormundi.com/blog/evasao-escolar/>>. Acesso em: 24 de jan. de 2022.

FORSTER, Paula. Pandemia aumenta evasão escolar. **CNN Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef/>>. Acesso em: 16 de dez. de 2021.

FRANÇA, Luísa. Evasão escolar no Brasil: o papel do gestor na retenção dos alunos. **Somos par**, 2021. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/evasao-escolar-no-brasil/>>. Acesso em: 07 de dez. de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Educação 2019, 2020**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: 27 de jan. de 2022.

KULLOK, Máisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: Edufal, 2002.

MANTOVANINI, Maria Cristina. **Professores e alunos problema: um círculo vicioso**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MELCHIOR, Maria Celina. **O sucesso escolar através da avaliação e da recuperação**. 2. ed. Porto Alegre: Premier, 2004.

NASCIMENTO, Vilma; QUEIROZ, Letícia, REIS, Patrício. Pandemia faz crescer a



evasão escolar e põe em risco o futuro de alunos mais pobres: 'Desigualdades se ampliaram'. **G1 Tocantins**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/11/05/pandemia-faz-crescer-a-evasao-escolar-e-poe-em-risco-o-futuro-de-alunos-mais-pobres-desigualdades-se-ampliaram.ghtml>>. Acesso em: 24 de jan. de 2022.

OLIVEIRA, Francisco Lidoval de; NÓBREGA, Luciano. **Evasão escolar: um problema que se perpetua na educação brasileira**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 19, 25 de maio de 2021.

PACIEVITCH, Thais. Evasão escolar. **InfoEscola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/evasao-escolar/>>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PEREIRA, Michele Cezareti. **Evasão escolar: causas e desafios**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 02, Vol. 01, pp. 36-51. Fevereiro de 2019. ISSN: 2448-0959.

PINTO, Joaquim Lopes. A problemática da evasão escolar na escola pública: a quem compete?. **DSpace UEPB**, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4456>>. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

RIBEIRO, Fátima Aurélio da Silva. A evasão no Ensino Fundamental dos anos finais no município de Paraisópolis. **DSpace**, 2018. Disponível em: <<http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/handle/123456789/242>>. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 15 ed. São Paulo: Ática, 1997.

UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância. **“Nesta volta às aulas, é urgente ir atrás de quem deixou a escola ou não conseguiu aprender na pandemia”, alerta UNICEF**, 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nesta-volta-as-aulas-e-urgente-ir-atras-de-quem-deixou-escola-ou-nao-conseguiu-aprender-na-pandemia#:~:text=Desde%20o%20in%C3%ADcio%20da%20pandemia,no%20in%C3%ADcio%20dos%20anos%202000>>. Acesso em: 3 de mar. De 2022.

VITELLI, Ricardo Ferreira; FRITSCH, Rosângela. **Evasão escolar na educação superior: de que indicador estamos falando?**. São Paulo: Estudos em Avaliação Educacional, 2016.

